

OS 80 ANOS DO EMBARQUE DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB) PARA A ITÁLIA E O SEU PREPARO PARA A GUERRA (*)

A declaração de guerra e a criação da FEB

O Brasil declarou guerra ao Eixo¹ em 22 de agosto de 1942, como consequência da sua posição geográfica na estrutura de defesa do Hemisfério Ocidental, pela oportunidade de modernização de suas Forças Armadas e estrutura industrial, possibilitada pela aliança com os Estados Unidos da América (EUA), e motivado por interesses políticos de projeção internacional do País no conserto das nações. Ainda e sobretudo, impulsionado pelo clamor popular de indignação, resposta contundente do povo brasileiro à vil agressão de suas embarcações por submarinos ítalo-germânicos na costa atlântica. A guerra havia de fato chegado, trazendo a morte de inocentes² e prejuízos à economia nacional³.

Em agosto de 1943, é criada a FEB, inicialmente dimensionada para 100 mil integrantes, mas que ao final se organizou em 25.334 componentes, tendo por base a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). Possuir uma estrutura de guerra dessa proporção, representaria para o Exército Brasileiro do início dos anos 1940 um verdadeiro salto de qualidade, com a consequente aquisição de capacidades importantes para a dissuasão e a salvaguarda da soberania.

O término da mobilização e o preparo para a guerra no Brasil

A formação do contingente da FEB exigiu considerável esforço nacional. Naquele momento, o Brasil era um país essencialmente agrário, com baixo nível educacional, precária situação de saúde e deficiente infraestrutura de integração. Além disso, formar uma divisão ao estilo das existentes no exército dos EUA representou um grande desafio, trazendo incrementos quantitativos e qualitativos relacionados às novas e diferentes funções e estruturas a serem criadas e ocupadas por pessoal especializado. Soma-se a isso os elevados parâmetros de saúde para compor o efetivo expedicionário.

Como resultado, somente na segunda quinzena de março de 1944 foi concluída a mobilização da 1ª DIE no Rio de Janeiro. A partir de então, pôde o General de Divisão Mascarenhas de Moraes⁴ iniciar o treinamento da tropa, com muito pouco tempo disponível, considerando a proximidade do embarque para a Itália. Naquele momento, identificou-se como o principal óbice a necessidade de realizar a transição da doutrina militar francesa⁵ para a congênere americana, a ser utilizada na guerra, dispondo de todos os manuais de campanha (regulamentos de instrução e emprego) e materiais de emprego militar (MEM) correspondentes.

Apesar de algumas diferenças de abordagem, a doutrina militar francesa exercia grande influência sobre a americana, principalmente no que concerne aos aspectos táticos a serem empregados na Campanha da Itália. Em consequência, se estivessem mais bem arraigados à tropa brasileira do pré-guerra, esses ensinamentos doutrinários franceses teriam contribuído de

¹ Eixo foi o termo utilizado para definir a coligação criada entre a Alemanha nazista e a Itália fascista da 2ª Guerra Mundial. Posteriormente, o Império do Japão se juntou a eles.

² Morreram mais de 700 naufragos em menos de um ano de ataques de submarinos alemães e italianos a embarcações brasileiras mercantes e de transporte de pessoas.

³ A economia brasileira era dependente em demasia da navegação de cabotagem pelo litoral do País.

⁴ Nomeado Comandante da 1ª DIE em 28 de dezembro de 1943.

⁵ A Missão Militar Francesa de Instrução no Brasil teve por propósito modernizar o Exército Brasileiro. Iniciou seus trabalhos em 1920, havendo atuado por mais de 20 anos na reorganização de estabelecimentos de ensino e na orientação geral à Instituição, em busca de um maior nível de profissionalização e efetividade. A doutrina militar francesa foi substituída pela do Exército dos EUA, por ocasião do preparo da FEB para a 2ª Guerra Mundial.

forma mais proficiente para o desempenho da expedição, sobretudo na fase inicial da guerra. Historicamente comprovado, quão mais profissional for um exército, em particular seus oficiais e graduados, mais acelerado será qualquer processo de adaptação a uma nova percepção de emprego em combate.

Os MEM norte-americanos foram planejados para suprir as tropas brasileiras somente na Europa, havendo sido enviado ao Brasil apenas uma pequena e incompleta amostra. Levou um certo tempo a tradução de todos os manuais, concluída por um grupo dedicado de oficiais brasileiros, assim como a sua edição e distribuição. Essa dificuldade foi em parte vencida pela ação de numerosos outros oficiais, que havendo estagiado no exército dos EUA, facilitaram bastante a tarefa inicial de adestrar os expedicionários.

Do embarque para a Europa à entrada em combate

O embarque da FEB se deu em cinco escalões. O primeiro deles, com o 6º Regimento de Infantaria (6º RI), saiu do Rio de Janeiro em 2 de julho de 1944 e chegou em Nápoles em 16 de julho. O grosso da 1ª DIE, transportado nos 2º e 3º Escalões de Embarque e integrado pelos 1º e 11º Regimentos de Infantaria (1º RI e 11º RI), alcançou a Itália em 6 de outubro do mesmo ano. Já os 4º e 5º Escalões, com os repletamentos do Depósito de Pessoal, aportaram em solo europeu em 7 de dezembro de 1944 e em 22 de fevereiro de 1945.

O 6º RI, base do 1º Escalão da 1ª DIE, denominado Destacamento FEB, seguiu para a região de Tarquinia em julho de 1944, a fim de receber o material de combate. Cerca de um mês depois, concentrou-se na localidade de Valda, onde o exército dos EUA havia construído um completo centro de treinamento. Em 23 de agosto, iniciou a fase de adestramento final, cumprindo um planejamento de três semanas de duração, composto por módulos de combate que contemplavam todos os escalões até o nível batalhão.

Como último evento desse programa de instrução, foi realizado um exercício de simulação de combate, no qual mais de 4 mil expedicionários foram avaliados por cerca de 270 árbitros do IV Corpo de Exército dos EUA⁶, durante 36 horas ininterruptas, utilizando abundante munição real. Ao final, o contingente foi certificado e considerado apto para o emprego pelo General Mark Clark⁷. Complementarmente e objetivando a ambientação para o combate, diversos oficiais e praças estagiaram em unidades americanas na linha de frente.

Sorte diferente teve o Grosso da 1ª DIE, cujo material foi entregue um mês e meio depois de sua chegada. A necessidade imperiosa de deslocamento para a frente do vale do Reno acarretou um adestramento incompleto, com etapas suprimidas e repercussões negativas por ocasião dos primeiros embates contra os alemães. Ainda assim, foi possível a alguns oficiais e praças estagiarem no Destacamento FEB e em tropas de artilharia dos EUA, vivenciando as primeiras impressões da guerra e diminuindo os prejuízos na instrução.

Nesse contexto, revestiu-se de singular relevância a tarefa de preencher as eventuais baixas na linha de frente com militares o mais bem preparados possível. Apesar de os 4º e 5º Escalões de Embarque terem chegado à Itália extremamente mal adestrados, o seu treinamento transcorreu de forma satisfatória, sob a supervisão competente do Coronel Mário Travassos e a colaboração imprescindível do Comando do V Exército. Cabe destacar que a equipe encarregada dessa tarefa foi capacitada em centros de instrução do exército dos EUA e mostrou-se efetiva na capacitação dos expedicionários em todas as qualificações e para todos os fins.

⁶ Grande Comando Operacional o qual ficou subordinada a 1ª DIE.

⁷ Comandante do V Exército dos EUA.

As limitações do preparo da FEB no Brasil e na Itália foram, em alguma medida, superadas com aquisição homogênea da experiência em combate e devido ao incremento dos treinamentos em quaisquer intervalos do serviço de campanha na linha de frente, em particular no período de estagnação, durante o rigoroso inverno europeu. Apesar de grande parte dos pracinhas jamais haver experimentado situações de conflito, alguns foram veteranos da Revolta Paulista de 1924, das Revoluções de 1930 e Constitucionalista de 1932, assim como da Intentona Comunista de 1935.

O legado da FEB e o valor do permanente preparo

O envio da FEB para a Europa evidenciou uma certa dissonância entre a ambição política e a realidade nacional. Com o início dos treinamentos, identificou-se falhas estruturais no processo de preparo da tropa, em vigor desde o período do pré-guerra, com potencial para comprometer o emprego das forças, mas que foram parcialmente solucionadas a curto prazo. Nesse processo, o valor intrínseco do combatente brasileiro, inúmeras vezes destacado⁸, e a ação proativa das lideranças expedicionárias fizeram a diferença.

O legado da FEB reforça, de maneira inequívoca, a importância do permanente preparo do Exército Brasileiro para o cumprimento de suas missões constitucionais. Tal objetivo pode ser alcançado pelo somatório sinérgico de alguns importantes fatores. Por exemplo, por meio do encerramento exitoso de cada ciclo anual de instrução militar nos corpos de tropa, somado à regular capacitação do efetivo profissional, no País e no exterior. Analogamente, pela manutenção de considerável parcela da Força Terrestre em constante estado de prontidão, bem como pelas trocas de experiências, intercâmbios doutrinários e atividades de adestramento combinado, envolvendo contingentes brasileiros e de forças armadas de nações amigas, consideradas referência em termos de organização, treinamento e operacionalidade. **Si vis pacem, para bellum**⁹.

(*) Autores:

Coronel ANDRÉ LUIZ DE SOUZA DIAS

Formado em 1996 na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), é oficial de Infantaria, integrante do Quadro de Estado-Maior da Ativa e atualmente servindo na Secretaria-Geral do Exército, em Brasília-DF. Comandou a Companhia de Comando da 6ª Brigada de Infantaria Blindada e o 29º Batalhão de Infantaria Blindado. Realizou o Curso de Estado-Maior das Forças Armadas na Espanha e o de Altos Estudos Nacionais na Bolívia. Possui os Mestrados Acadêmicos em Operações Militares e em Ciências Militares, ambos no Brasil, em Política de Defesa e Segurança Internacional, na Espanha, e em Segurança, Defesa e Desenvolvimento, na Bolívia. Faz parte da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) – Centro Cultural Casa da FEB desde Capitão e é membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHM).



CESAR CAMPIANI MAXIMIANO é historiador, consultor e empresário. Obteve o doutorado em história pela Universidade de São Paulo (USP) em 2005. Lecionou história e estratégia militar na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), tendo também trabalhado na reformulação do ensino de história militar da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX). Foi professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), além de pesquisador do Núcleo de Política e Estratégia da USP. É autor de vários livros sobre a Força Expedicionária Brasileira, nos idiomas português e inglês, como por exemplo: *Barbudos, Sujos e Fatigados – Soldados Brasileiros na Segunda Guerra Mundial* e **Brazilian Expeditionary Force in World War II**.

⁸ A inteligência, a capacidade de superação, o destacado preparo físico e a determinação de vencer foram, dentre outros, atributos bastante observados no pracinha brasileiro durante seu preparo e emprego na 2ª Guerra Mundial. Isso consta, inclusive, dos relatórios dos oficiais do exército dos EUA que integravam o denominado **Brazilian Liaison Detachment – BLD** (Destacamento de Ligação Brasileiro).

⁹ Frase de Flavius Vegetius, escritor romano do século IV: “se quer a paz, prepare-se para a guerra”.